
Protesto #vemprarua: um momento de subjetividade retratado através da fotografia¹

Luana Anita MÜLLER²
Ricardo Henrique Almeida DIAS³
Centro Universitário Unifacvest, Lages, SC

RESUMO

Temos por objetivo neste artigo analisar, do ponto de vista da fotografia, dois marcos da cidade de Lages através de sua representação espacial, referencial e semiótica. Os protestos de março de 2016 são interessantes para a análise semiótica de como o uso da arquitetura vai além do que simplesmente organizar o espaço ou retratar personagens históricos em praças, como a estátua do Correio Pinto e a Catedral Diocesana de Lages. A análise semiótica-dialética das fotografias da praça da estátua e da Catedral no dia do protesto foi propícia para a apreensão de um momento de subjetividade pulsante na qual pululam sentidos e significados enigmáticos, que podem passar despercebidos em um olhar descuidado.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia de manifestações; análise semiótica; arquitetura; manifestações políticas.

Introdução

Estudos apresentados no último Intercom nacional realizado em Curitiba-PR são suficientes para demonstrarem a relevância dos estudos semióticos para o campo da fotografia. Camargo (2017) teve por objetivo discutir os princípios óticos fotográficos abordando questões técnicas da configuração da imagem fotográfica e sua constituição poética, na qual decorrem processos e procedimentos determinantes da produção de sentido e significação na fotografia.

Já Soares (2017) teve por objetivo estudar o potencial de construção de verdade das imagens fotográficas e significações que elas estariam aptas a produzir. A autora pesquisou imagens produzidas pelo DOI-Codi na década de 1970 e que foram publicadas na Revistas Zum em 2012. Utilizando a teoria semiótica de Peirce, bem como comentários de Santaella e Nöth, além da noção de *epistémês* de Foucault, a pesquisadora discutiu como enunciados se mantiveram verdadeiros e se atualizaram.

¹ Trabalho apresentado na IJ 4 – Audiovisual do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Acadêmica do 3º semestre do curso de Fotografia, do Centro Universitário Unifacvest. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Cultura e Comunicação da Unifacvest. Email: luanamuller.g3@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Doutor em Educação pela FE/Unicamp (2015). Jornalista formado pelo curso de Comunicação Social – Hab. em Jornalismo da UFMS (2006). Atualmente é docente dos cursos de Comunicação Social do Centro Universitário Unifacvest – Lages-SC, Brasil. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Cultura e Comunicação da Unifacvest, e-mail: rhad@mail.com.

De acordo com Rossoni (2017) apresentou as implicações da tecnologia digital na prática e na percepção da fotografia no interior do assentamento Piranema (MST), quinze anos depois da produção fotográfica realizada pelas próprias crianças do local. Ele teve por objetivo compreender como as tecnologias potencializaram experiências éticas, estéticas e políticas nos usos da imagem fotográfica. Do ponto de vista semiótico, esse autor usou o conceito de identidade. Este conceito serve para designar o traço, ou o conjunto de traços que dois ou mais objetos têm em comum e o princípio de permanência que permite o indivíduo continuar o mesmo persistir no seu ser, ao longo de sua existência narrativa, apesar das modificações que provoca ou sofre.

Já Auzobel (2017) analisou do ponto de vista da semiótica textual a capa da edição de 19 de março de 1954 do *Jornal do Povo*. Para o autor, a capa trata-se de uma página emblemática do periódico por veicular fotografias dos rostos de seis dos mortos no incêndio e explosões por três dias consecutivos do navio cargueiro Maria Celeste. É evidenciado o sincretismo verbo-visual na tradução do evento, bem como a variedade de recursos usados pelo enunciador a fim de persuadir o enunciário acerca do sentido de verdade atribuído à cobertura em questão.

Continuando nas discussões do relacionamento entre fotografia e semiótica, neste estudo citaremos exemplos de fotografias de dois marcos da cidade de Lages, Santa Catarina, no dia do protesto #vemprarua, acontecido no dia 16 de março de 2016, abordando os sentidos e significados expressos por tais marcos que caracterizam a cidade capital da serra catarinense a partir de fotografias das manifestações. Índícios do imaginário que a população local concede a alguns marcos, como a estátua de Correia Pinto e a Catedral podem ser investigados a partir das fotografias da manifestação #vemprarua do dia 13 de março de 2016. Assumimos por marcos a mesma definição de Kevin Lynch em sua obra *A imagem da cidade*. Para o autor eles são elementos pontuais nos quais o observador não entra. “Podem ser de diversas escalas, tais como torres, domos, edifícios, esculturas, etc.” (p. 48). Sua principal característica é a singularidade, algum aspecto que é único ou memorável no contexto. Segundo Lynch (1990), isso pode ser alcançado de duas maneiras: “sendo visto a partir de muitos lugares, ou estabelecendo um contraste local com os elementos mais próximos” (p. 78). Também utilizamos como referencial teórico as ideias defendidas por Décio Pignatari em sua obra *Semiótica da Arte e da Arquitetura*, que buscou enfatizar o uso da semiótica para interpretação da arquitetura, em vez de forma para se definir tal arte de se projetar e sobretudo construir.

Para Lynch, alguns marcos estão distantes, tipicamente visto de muitos ângulos e distâncias, sobre o topo de elementos menores e usados como referências radiais. Eles podem estar dentro da cidade ou a uma distância que toda proposta prática que eles simbolizam uma constante direção. A Catedral Diocesana está dentro de Lages, no centro da cidade, e suas torres podem ser vistas por diversos locais do município, uma vez que está em uma posição alta. A estátua do Correia Pinto é mais discreta, sendo vista apenas por transeuntes próximos ao marco. Levando-se em conta os postulados de Lynch, esses marcos podem ser considerados primariamente locais, sendo vistos só em localidades restritas e de certas aproximações. Para o autor, esses marcos são elementos físicos simples que podem variar amplamente em escala. Os mais familiarizados com a cidade o utilizam como sistemas de referência para se guiar e como processo de continuidade sequencial ao movimentar-se pela cidade.

Os dois marcos analisados neste artigo possuem a característica de serem singulares a algum aspecto que é único ou memorável no contexto. “Marcos se tornam mais facilmente identificáveis, mais propensos a ser escolhido como significativo se eles têm uma forma clara; se contrastar com o fundo; e se há algum destaque de localização espacial” (p. 78). Eles também possuem uma certa proeminência espacial, tanto por serem elementos visíveis a partir de vários locais, ou através da criação de um contraste local com elementos próximos, ou seja, uma variação de revés e altura.

Os marcos também podem ser analisados por sua serialidade. Indo de um para outro ou ao passar por eles trazem certo caráter tranquilizador que confirmam o posicionamento do transeunte. “Detalhes adicionais muitas vezes ajudam a dar uma sensação de proximidade com o destino final ou metas intermediárias” (p. 83). A sequência e posicionamento do marco na cidade facilita o reconhecimento e memorização.

Podemos notar que a teoria semiótica também é muito utilizada na análise de obras arquitetônicas como veremos a seguir, baseados no estudo de Dantas (2013).

Arquitetura, arte e semiótica

De acordo com Dantas (2013) se o campo da pintura é a percepção, o campo da arquitetura é a construção – a primeira diz respeito ao modo como recebemos a realidade que nos cerca, a segunda, como conseguimos intervir nesta realidade, modificando-a, transformando-a, e trazendo a tona sentimentos que, assim como na pintura, nos tomam

de maneira muitas vezes abrupta. Os dois procedimentos são independentes e não possuem parâmetros formais em comum; no entanto, têm um ponto de convergência porque, assim como o pintor estrutura ou organiza a realidade recebida num espaço perceptivo, os arquitetos estruturam e organizam o ambiente da vida num espaço construtivo. Isto nos leva a crer que tanto a arquitetura como a pintura, afinal, pretendem transformar a atividade artística de representativa em estruturante.

O século XIX parece ter sido a “tela” ou o “papel-manteiga” perfeito para estas duas artes no que diz respeito as transformações da realidade cotidiana. A escala utilizada pelo artista não é mais doméstica, nem mesmo monumental: o artista do século XIX não é apenas pintor, escultor ou arquiteto, mas um novo modelador de formas plásticas, pintor, escultor e arquiteto a um só tempo em um só lugar – é importante ressaltar que não se trata de uma mistura adulterada e remendada de todos esses talentos, mas um novo tipo de talento que os resume e os supera, como se percebe nas palavras de Mondrian que dizia ter aberto uma brecha que conduzia:

ao fim da arte como algo separado do ambiente que nos rodeia, que é a realidade plástica existente. Mas esse fim é, ao mesmo tempo, um novo princípio (...) Pela unificação da arquitetura, da escultura e da pintura, criar-se-á uma nova realidade plástica. A pintura e a escultura não se manifestarão como objetos separados, nem como “arte mural”, que destrói a própria arquitetura, e nem como arte “aplicada” - mas, sendo puramente construtivas, contribuirão para a criação de um ambiente não puramente utilitário ou racional, mas também puro e concreto em sua beleza (READ apud PIGNATARI, 1980, p. 49).

Ainda de acordo com Dantas (2013) a revolução industrial, como não podia deixar de ser, abateu-se também sobre a arte e a arquitetura, e deste impacto nasceu o que chamamos de arte e arquitetura moderna, obviamente acompanhada de todos os seus ismos e movimentos diversos, com uns propondo uma meta-arte e outros uma antiarte.

Na arquitetura, o código arquitetônico é hegemônico, obviamente. Mas, como dizia, Valery (apud PIGNATARI, 1980), nem toda arquitetura é apenas pedra, nem toda música é apenas som. É preciso estar atento ao fato que a mensagem arquitetônica – especialmente quando entendida como mensagem de massa: o assentamento humano, a cidade – é endereçada, antes de mais nada, a não-arquitetos, ou seja, a receptores e interpretantes cujo código principal conhecido não é o arquitetônico, mas que no entanto (de maneira leiga), só podem e conseguem absorver a mensagem decodificando-a, em primeiro lugar, segundo este próprio código. Desconstruindo a gramática elementar da

arquitetura, que na verdade é a gramática elementar de todo processo de representação espaço-temporal num espaço bidimensional – a linguagem do desenho. E assim com suas elaborações, elaboradas e elaborantes, se constituem naquilo que denominamos História. E como já diria Peirce (apud PIGNATARI, 1980) o homem é *signum maximum*, constantemente elaborado por signos, constantemente elaborando signos.

Para Dantas (2013) quando a arquitetura quer entranhar-se em um novo conteúdo, tem primeiramente que estranhar-se a si mesma, alienar-se de si mesma, saturando-se e superando-se, buscando elevar-se sobre este código pré-estabelecido, escrevendo novos elementos nesta gramática elementar. É a relativização do pensamento de Mondrian (PIGNATARI, 1980), que concentra-se na ideia da cidade, enquanto multiplicidade de edifícios e de planos de cor. É o nascimento de um novo design, o design do exposto e do visível, rompendo com o velho sintagma do invisível, que visando uma disponibilidade estética e um conforto ambiental, esconde o visceral da “máquina”, seu coração, suas veias, suas entranhas.

Segundo Pignatari a arquitetura, é a arte da exterioridade, a arte do continente que pede um conteúdo, a arte da “externalidade” dialética em busca de sua “internalidade”:

Consiste a missão da arquitetura em conferir à natureza inorgânica transformações que, devido à magia da arte, a aproximam do espírito. Os materiais com que trabalha representam, pelo aspecto exterior e direto que tem, uma pesada massa mecânica, e as formas deles continuam a ser as da natureza inorgânica ordenadas de acordo com as relações abstratas da simetria (PIGNATARI, 1980).

A arquitetura como signo permite que a vejamos como transformadora, revolucionária e crítica, declarando e mostrando seu ponto de vista em toda parte, não deixando sofrer limitações nem de ordem estéticas, nem pelo espaço e tampouco pelo tempo que ocupa. O design arquitetônico desta nova forma de transformação do espaço, desta nova maneira de ler os símbolos e signos gerados por ela deve ser transcendente como a poesia, deve ultrapassar dias, anos, séculos e tocando de diferentes formas diferentes pessoas, mantendo sempre sua forma desafiadora, intrigante e até mesmo enigmática. Poderemos demonstrar um exemplo prático de como essas ideias se relacionam a partir da análise fotográfica do dia do protesto contra a corrupção no governo acontecido em Lages-SC no dia 13 de março de 2016.

Os marcos e monumentos de Lages – Santa Catarina

Analizamos dois marcos da cidade de Lages: a estátua do Correia Pinto e a Catedral Diocesana para a posterior análise fotográfica do protesto #vemprarua do dia 13 de março de 2016. Lages é considerada a capital da região serrana do estado de Santa Catarina. Possui, de acordo com dados do IBGE (2005), 158.732 habitantes e dista 227 quilômetros da capital do estado Florianópolis. Lages foi fundada em 1766 e o monumento Correia Pinto representa o fundador da cidade de Lages, Antônio Correia Pinto de Macedo, um bandeirante paulista incumbido de povoar a região para a criação de um ponto de defesa contra a invasão dos espanhóis que cobiçavam a área. Em 22 de novembro de 1766, Correia Pinto fundou a povoação. O monumento em sua homenagem foi esculpido pelo lageano Agostinho Malinverni Filho, mede três metros e pesa 500 quilogramas. A estátua, fundida em bronze, possui um pedestal de bloco de pedra bruta, simbolizando o planalto selvagem e representa o fundador com seu traje característico de bandeirante.

Já o outro marco da cidade, a Catedral Diocesana Nossa Senhora dos Prazeres, teve sua construção concluída em 1922 após 10 anos de construção pelos padres franciscanos. De acordo com o Portal Prefeitura de Lages⁴, ela foi construída em pedra e possui vitrais importados da Alemanha.

O projeto da Catedral de Lages inspirou-se, na planta baixa, na forma e cobertura das torres piramidais multifacetadas da monumental Catedral de Magdeburg (Templo de São Maurício e Santa Catarina) e que se constitui na primeira construção gótica da Alemanha, erguida com grande vigor e força de expressão ainda em 1209.

De acordo com reportagem da revista Visão, desde o dia 05 de abril de 1990, a Catedral Diocesana de Lages integra o Patrimônio Cultural e Artístico de Lages (regida pela Lei Orgânica do Município). A Catedral é um monumento tombado pelo patrimônio histórico e cultural de Santa Catarina desde o dia 23 de novembro de 2001. Assim, qualquer obra, modificação ou mesmo restauração, precisa ser feita levando-se em conta as características originais e arquitetônicas e com projeto devidamente aprovado.

Há uma lenda corrente na cidade cuja origem pode ser datada no período da fundação da cidade por Correia Pinto. O fundador construiu um tanque, localizado próxima a estátua que o homenageia, aproveitando fontes naturais que ali existiam. A

⁴ CL+Pontos Turísticos. Disponível em <<http://cl.cmais.com.br/turismo/pontos-turisticos/lages/48>>. Acesso em 14 de abril de 2018.

ideia era proporcionar aos que lavavam as roupas proteção contra os índios e animais ferozes. De acordo com a lenda, uma mãe solteira jogou a criança no tanque para não ficar desonrada na comunidade. A criança não morreu, mas se transformou em uma cobra, sendo que a cabeça ficava no tanque e a cauda no rio Carahá, outro ponto importante da cidade, hoje margeada pela avenida Belizário Ramos. Ainda de acordo com a lenda, Nossa Senhora, a padroeira de Lages, prendia a cabeça da serpente no fundo do lago. Quando a imagem da santa era removida do altar da Catedral, outro marco estudado neste artigo, a cidade experienciava chuvas torrenciais, que, de acordo com a crença popular, era causada pela cobra livre dos poderes da santa. Bastava a imagem da santa retornar ao seu altar, que o Sol voltava e as chuvas cessavam. O relato das mulheres, como na tradição oral, se espalhou pela cidade, sendo que algumas mulheres recebiam ir ao tanque sozinhas. Ainda hoje, muitos lembram dessa história da época da fundação da cidade, representada pela estátua do fundador e o tanque que este construiu com sua “serpente causadora de enchentes” e a catedral que abriga a imagem da santa que protege dos desvarios desse ser mitológico popular. A lenda liga esses três marcos importantes da cidade de Lages.

Estudo de caso: manifestações contra o governo em março de 2016

Na manhã do dia 13 de março de 2016, domingo, aproximadamente 10 mil pessoas participaram dos protestos contra a corrupção e o governo vigente. Analisar as questões políticas do ato foge ao escopo deste artigo. Focaremos nos dois locais escolhidos pelos organizadores para o evento e analisamos as fotografias do ponto de vista semiótico. As fotografias foram tiradas pelo segundo autor deste artigo, sendo que a posterior seleção ficou por conta do primeiro autor.

As pessoas se aglomeraram inicialmente na estátua do Correia Pinto na Praça da Bandeira por volta das 10 horas. Às 11 horas os manifestantes se deslocaram até a praça João Ribeiro em frente a Catedral Diocesana de Lages.

Antônio Correia Pinto foi o fundador de Lages, sendo que a estátua representa o fundador da cidade. O significado semiótico do ato acontecer neste local não é uma mera coincidência. A manifestação parte da estátua do fundador da cidade significando o partir para uma nova ideologia, uma nova política para o país, a fundação de novas ideias e ideologias, a refundação de um país livre de corrupção nas instituições, tanto da esfera governamental quanto no âmbito privado. O desbravamento de terras novas representado

pelo bandeirante Correia Pinto representa a proposta de algo totalmente novo do ponto de vista político, na qual podemos vislumbrar uma proposta política livre de corrupção.

A chegada e aglomeração na Catedral Diocesana também não foi escolhida aleatoriamente pelos organizadores. Uma nova política e ideologia que está sendo proposta não pode ficar livre dos pressupostos da tradição e solidez das instituições que a arquitetura da Catedral simboliza. Por isso, antes da saída da praça da estátua do Correia Pinto, os manifestantes deram as mãos e rezaram o Pai-Nosso, para depois cantarem o hino nacional. Assim, os dois marcos, muito além de representar personagens históricos e organizar o espaço são signos cheios de significados que, na maioria das vezes, ocorrem de maneira intersubjetiva e de forma não consciente para os sujeitos que vivem e usam o espaço urbano. Nem toda arquitetura é apenas pedra e a arte da externalidade dialética em busca de sua internalidade de Pignatari fica evidente no uso dos dois marcos nos protestos anti-governo. A dialética entre o palco de contradições e confusões que a política brasileira do começo do ano de 2016 mergulhou nos lembra o planalto serrano antes da fundação por Correia Pinto. Uma área com grande potencial de recursos, mas com ameaças por animais selvagens e conquistadores espanhóis, que foi desbravada pelo fundador. A internalidade de Pignatari é simbolizada pela Catedral, o aconchego e segurança espiritual proporcionada pelos frades franciscanos e vitrais alemães. Estabelece-se assim a dialética dos dois marcos de Lages escolhidos como locais dos protestos anticorrupção: “externalidade-internalidade”, “confusão-ordem”, “caos-aconchego”.

Nas fotografias abaixo demonstradas podemos notar essa relação dicotômica.



Figura 1: Manifestantes rezam o Pai Nosso na Praça da Bandeira antes da caminhada rumo à Catedral



Figura 2: Manifestantes do movimento #vemprarua junto a estátua do Correia Pinto na Praça da Bandeira



Figura 3: Manifestantes do movimento #vemprarua se deslocando para a Catedral Diocesana



Figura 4: Manifestantes do movimento #vemprarua em frente a Catedral Diocesana

Considerações finais

Vimos neste artigo como a fotografia foi relevante para a análise de dois marcos da cidade em um evento singular que foram os protestos contra o governo em março de 2016. A arquitetura como signo nos forneceu subsídios importantes para a interpretação de dois marcos da cidade de Lages. A arquitetura da cidade nos mostra como transformadora, revolucionária e crítica, declarando e mostrando seu ponto de vista em toda parte, não se deixando sofrer limitações nem de ordem estéticas, nem pelo espaço e tampouco pelo tempo que ocupa. Uma nova maneira de ler os símbolos e signos gerados por ela ficou evidente nos protestos de março de 2016, tocando de diferentes formas diferentes pessoas, mantendo sempre sua forma desafiadora, intrigante e até mesmo enigmática.

O referencial teórico proposto por Kevin Lynch também se mostrou adequado para a análise dos dois marcos, já que tanto o monumento do Correia Pinto quanto a Catedral Diocesana possuem as características de marcos como proposto pelo autor. As pessoas se utilizam como referência na cidade e com um sentido de localização. Também conseguem visualizar de maneira serial, já que podem ir de um com relação ao outro para dar indicações e para localizar outros espaços da cidade, como o tanque, os supermercados, bancos, estabelecimentos comerciais, dentre outros.

Concluimos, baseando-se na análise dos acontecimentos ocorridos no protesto #vemprarua, somado ao estudo das fotografias apresentadas, que a análise da semiótica feita nesses fatores se mostrou fiel e relevante para o entendimento de fatos não explícitos. Tendo em vista que as pessoas agem em muitos momentos de forma inconsciente faz com que suas características pessoais como religiosidade, crenças populares, cultura e história fluam através das suas atitudes, tornando os signos, uma leitura das suas ações.

REFERÊNCIAS

- AZOUBEL, Diogo. Maria Celeste: análise semiótica da capa do Jornal do Povo, de 19 de março de 1954. In: XL Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017, Curitiba. **Anais do XL Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Curitiba: Intercom, 2017.
- CAMARGO, Isaac Antonio. Imagem estenopéica e construção de sentido na fotografia. In: XL Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017, Curitiba. **Anais do XL Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Curitiba: Intercom, 2017.

DANTAS, Sérgio Roberto Andrade. O simboligno Eiffel. Trabalho de conclusão do curso Historia das Artes Visuais II. Pós-Graduação Lato-Sensu em História da Arte. **FAAP**, 2013.

MAIS de um século do início da Catedral de Lages. **Revista Visão**, n. 71, 2012.

LYNCH, Kevin. **The image of the city**. Cambridge: The M.I.T. Press, 1990.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica da arte e da arquitetura**. São Paulo: Cultrix, 1980.

ROSSONI, Rodrigo. O compromisso do olhar. In: XL Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017, Curitiba. **Anais do XL Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Curitiba: Intercom, 2017.

SOARES, Alina Rani. Infância Banida: reflexões sobre enunciados e semioses a partir de fotografias de crianças comunistas. In: XL Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017, Curitiba. **Anais do XL Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Curitiba: Intercom, 2017.